

## **Razão e loucura: características da racionalidade cristã<sup>1</sup>**

### **-Introdução:**

O propósito desta comunicação é problematizar a relação entre razão e loucura, a partir da concepção paulina das mesmas, apresentado em Romanos 1. Deste primeiro objetivo resultará o segundo propósito desta reflexão, que é a determinação das características de uma racionalidade cristã.

A primeira pergunta que deve ser feita é se existe, de fato, uma relação entre razão e loucura. E a resposta é afirmativa. Paulo, em Romanos 1:19-28 descreve a gênese da loucura, contrapondo-a à verdadeira racionalidade.

A grande tese de Paulo é que a loucura resulta da insubmissão da razão em relação à centralidade da Revelação divina.

### **1. Gostaria, então, de começar, descrevendo a gênese da loucura e discriminando as suas etapas.**

Em primeiro lugar, Paulo começa por dizer que Deus se revelou e se manifestou aos homens, demonstrando, assim, como o verdadeiro conhecimento tem a sua gênese na auto-manifestação de Deus.

Em segundo lugar, Paulo afirma que, tendo os homens obtido o conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças.

---

<sup>1</sup> Comunicação proferida em 29 de Junho de 2007, no 1º Congresso de Teologia da Seminário Teológico Escola de Pastores, Niterói, R.J.

Em terceiro lugar, Paulo afirma que, pelo fato do conhecimento ter sido desligado da relação e da adoração a Deus, o raciocínio se tornou nulo, obscurecido e insensato, bem como o coração.

Em quarto lugar, Paulo diz que, apesar de toda a nulidade e insensatez da razão, que se afastou da revelação divina, o homem tentou construir uma sabedoria à parte do conhecimento que Deus lhe havia revelado.

Para o apóstolo, a grande conseqüência, é que, *“Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos”*.

Eis a gênese da loucura! A loucura é formada a partir da destruição da razão, e o suicídio da razão, para Paulo, acontece quando a razão abandona a revelação de Deus.

2. Depois de conhecermos, em termos gerais, a gênese da loucura da razão, importa-nos conhecer as categorias e os processos do pensamento que subjazem à insensatez da razão.

Os vs 23 e 25 de Romanos 1 mostram-nos os dois grandes processos da razão louca:

2.1. Primeiro processo: a mudança da glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem do homem corruptível: quando as categorias reveladas por Deus, são transformadas em categorias finitas, à imagem e semelhança não da mente de Deus, mas da mente do homem.

2.2. O segundo processo: servindo à criatura e não ao criador: ou seja, sempre que a razão pensa, reduzindo as categorias absolutas a categorias finitas, isso implica que a razão está pensando em desobediência em relação ao criador. É como se o homem, neste tipo de pensar finito, servisse à criatura e não ao criador.

2.3. Esta concepção paulina e bíblica da racionalidade é, por isso mesmo, diametralmente oposta a uma concepção neutra de racionalidade, aceita em nossos dias, e que defende que o conhecimento resulta, somente, de uma relação entre sujeito e objeto.

Contrariamente, Paulo está dizendo que:

- o conhecimento implica a existência e a revelação de um Deus;
- consiste na resposta do homem a essa revelação;
- Portanto, implica relação, aliança, e ética.

2.3. Portanto, quando Paulo afirma no vs.28 que: “E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável...”, ele não está definindo somente o processo de suicídio da razão, aquilo que Francis Schaeffer definiu como a Morte da razão, mas Paulo está também dizendo que esse tipo de racionalidade insensata, que pensa a realidade a partir de categorias finitas e existenciais, são um ato de desobediência a Deus.

O pensamento contemporâneo nos tem dado grandes exemplos dessa morte e desse suicídio da razão, isto é, das tentativas malfadadas do homem pensar a partir da criatura, finita, e não a partir do criador. Aquilo que eu chamo de filosofias reducionistas, ou seja, que reduzem o sentido da vida a um aspecto da mesma: o positivismo lógico, a análise lingüística, o existencialismo, entre outras.

Mas, talvez, a questão mais essencial não seja concluir que essas filosofias são contraditórias porque partem de categorias finitas, mas, sobretudo, perguntar por que razão o cristão que conhece a verdade, insiste em

pensar a realidade, não a partir da verdade que ele diz acreditar, mas a partir de sistemas que ele sabe, ou deveria saber, que representam uma racionalidade desobediente a Deus.

Esta é a pergunta radical que forçosamente tem que ser feita, após analisarmos a gênese da loucura da razão segundo as Escrituras.

### **3. Um dilema:**

Contudo, esta análise nos leva a um dilema: se eu uso a razão começando pela verdade de Deus, o meu discurso será incompreensível para quem não crê. Por outro lado, se penso a partir das categorias finitas e da existência, o máximo que o meu pensamento pode alcançar é a finitude. Que fazer, então?

Em primeiro lugar, deixe-me dizer-lhe que esse dilema é um falso dilema, e que só se sustenta quando temos uma definição errada acerca de quem o homem é.

Se partirmos da convicção bíblica de que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, e que, mesmo a queda de Gn.3 não conseguiu destruir totalmente essa imagem e semelhança na alma humana, então, teremos aí um ponto de contacto para pensarmos a partir de categorias bíblicas, sem as negociar.

O que eu estou dizendo é que não precisamos de negociar as categorias da bíblia, porque todo o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus mantém um desejo pelo criador, um desejo pela eternidade, e um desejo pela verdade, que podem ser facilmente identificáveis, ainda que não o homem não o queira reconhecer, num contínuo ato de desobediência.

#### 4. Onde queremos chegar?

Toda esta argumentação atinge, agora, o seu clímax, na convicção de que é possível uma racionalidade cristã, uma base racional para o Cristianismo ser apresentado e defendido, sem haver necessidade de um salto de fé, nem de um racionalismo ou irracionalismo da fé, pois estas soluções seriam uma clara manifestação do suicídio da razão.

No entanto, para que essa racionalidade se sustente é necessário uma mudança nas categorias e nos processos que a razão utiliza para pensar a realidade. Ou seja, é necessária uma mudança na forma como temos pensado. E são essas categorias que agora deixo com vocês, em forma de introdução para futuras conversas e debates.

4.1. Que a razão deve pensar a partir de categorias eternas e absolutas: Deus é o princípio e o fim da realidade; Deus é trino e pessoal, e somente assim podemos compreender que seja possível pensar em termos de unidade e diversidade; O criador é separado da criatura, tal como a eternidade dista da temporalidade;

4.2. Que a razão perceba o mal: ao reduzirmos o sentido da vida à finitude, temos reduzido o mal a uma questão de escolha e de preferência pessoal. Ao abandonarmos uma racionalidade a partir de categorias eternas, o nosso pensamento passou a considerar o mal como normal.

#### 4.3. Que a razão pense submissa à autoridade das Escrituras:

Nunca a submissão à autoridade esteve tão em baixa. Estar debaixo de uma autoridade passou a ser taxado como anulação do Eu. Temos pensado hoje a partir do critério do politicamente correto. Contudo, pergunto, qual é o preço que temos pago para manter este subjetivismo inócuo e destruidor?

Vimos, a partir da argumentação paulina, que o preço de se pensar em desobediência é a própria loucura e morte da razão. E, por isso, pergunto, é este tipo de suicídio mental que queremos para os púlpitos das nossas igrejas?

Que o princípio da nossa racionalidade cristão seja o temor do Senhor.

4.4. Que a razão desenvolva uma disposição sacramental: Deus fez uma aliança em Gn.1 com toda a realidade e com todas as criaturas. Isso significa que a razão existe numa relação de direitos e deveres para com o Criador. Temos uma responsabilidade racional para com o criador. E a escolha das categorias racionais deve ser responsável. Não podemos pensar de qualquer forma!

Que tal aplicarmos a promessa de Deus, em Êxodo 19: 5-6 à nossa forma de pensar: de ter uma razão peculiar e propriedade do Senhor; de ter uma razão sacerdotal e uma razão santa, porque toda a racionalidade é minha, Assim diz o Senhor!

Somente assim poderemos usar a nossa razão como profetas neste mundo, sem nos tornarmos loucos.

João António Sousa Cardoso

Reitor da Escola Teológica Reformada